



Techint mira a AL



SILVIA COSTANTI/VALOR

Paulo Rocca, presidente do grupo Techint, estuda a construção de uma siderúrgica no porto de Açu (R.J), orçada em US\$ 3 bilhões. "Analisamos este e outros projetos no Brasil", diz. Página B8



Siderurgia Grupo discute no momento compensação por nacionalização da Sidor por Chaves

Techint avalia investir em usina de placas e tubos de aço no Brasil

**Vera Saavedra Durão e
Francisco Góes**

Do Rio

O presidente do grupo Techint, Paolo Rocca, admitiu ao **Valor** que analisa oportunidades de investimento no Brasil. Ele confirmou o interesse em desenvolver projeto siderúrgico no porto Açú, no norte fluminense, que pertence a Eike Batista, da EBX. O interesse da Techint em ocupar um espaço na retroárea do Açú com uma usina siderúrgica para produção de tubos e placas de aço, avaliada em US\$ 3 bilhões, foi revelado pelo próprio Batista em março deste ano.

Ontem Rocca afirmou: "Analisamos este e outros projetos, mas ainda não decidimos nada." Ele disse que olha diferentes alternativas de investimento no país, onde controla a TenarisConfab, fabricante de tubos com costura. Admitiu que o grupo chegou a se interessar pelo projeto da usina siderúrgica do Maranhão, que a Vale do Rio Doce tentou tornar realidade naquele Estado, mas o Techint não se convenceu da localização do projeto, disse Rocca.

A família Rocca controla o grupo ítalo-argentino Techint que atua em engenharia e construção, na área de petróleo e gás, em siderurgia de aços planos e longos e na fabricação de tubos para a indústria de petróleo e gás. Em siderurgia, opera duas holdings. A Tenaris é a maior empresa de tubos de aço do mundo, com presença em diversos países como Argentina, Itália, Estados Unidos, Brasil e Japão.

A Ternium era dona de três empresas — a mexicana Hylsa-

mex, a argentina Siderar e venezuelana Sidor, que somavam capacidade anual de 11 milhões de toneladas, além da IMSA, com atuação na área de laminação de aço. Recentemente, a Sidor foi nacionalizada pelo presidente da Venezuela, Hugo Chavez. No ano fiscal encerrado em julho de 2007, o grupo Techint faturou US\$ 19,8 bilhões. Deste total, a Tenaris responde com mais da metade: US\$ 10 bilhões.

Sobre a nacionalização da Sidor, Rocca falou que no momento está discutindo os termos da compensação financeira do ativo com o governo venezuelano. "Estamos explicando a eles (governo) o valor que tem a Sidor com distintas metodologias", disse o presidente da Techint. Ele não mencionou o valor da empresa. O mercado estima que uma compensação adequada à Ternium seria de pelo menos US\$ 800 milhões.

"Somos muito grandes; creio que a julgar pela evolução do preço da ação (da Ternium) os acionistas não estão planejando vendê-la (após a nacionalização da Sidor). A ação hoje vale mais do que antes do anúncio da nacionalização da Sidor", comparou.

Rocca não vê uma ameaça de "risco político" nos investimentos da Techint na América Latina. "Não tenho indicações que haja ações parecidas na região. Isto que está ocorrendo na Venezuela é uma decisão tomada pelo governo venezuelano. Não creio que haja ações parecidas em outros países do continente na nossa indústria", disse. Ele defende a integração vertical na siderurgia como promoção da cadeia de va-



lor, o que não significa aquisições de fornecedores.

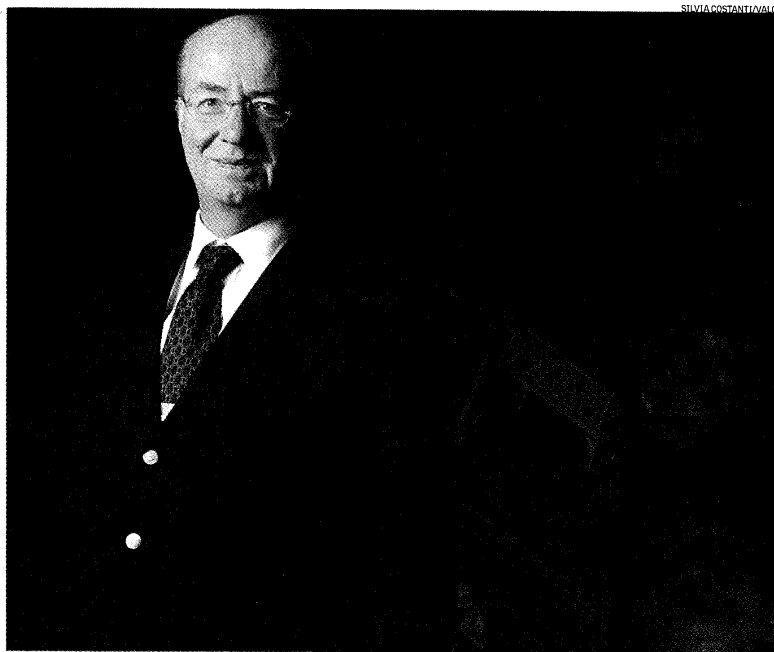
Na sua visão estratégica da siderurgia latino-americana, ele defende o trabalho conjunto para que a cadeia de produção dos países da América Latina possam disputar espaço sobre produtos de valor agregado na concorrência com outras regiões, como a Ásia. "Há que trabalhar com clientes e fornecedores para que as condições (de competitividade)

de) sejam melhores".

Rocca reconhece que hoje a demanda de aço é muito forte em todos os segmentos, incluindo produtos planos, revestidos e longos, entre outros. O consumo em alta é resultado de investimentos em infra-estrutura e em função da demanda industrial, que usa o aço como insumo na fabricação de bens.

Na avaliação de Rocca, a situação da economia mundial pode-

rá seguir a tendência de expansão ou gradualmente reduzir a taxa de crescimento. Entretanto, reconhece que os produtos siderúrgicos voltados para o setor de óleo e gás têm mais chance de continuar com dinamismo, principalmente em países como Rússia e também o Brasil. Neste cenário, Rocca diz que a Tenaris está bem posicionada, com destaque para o mercado americano, onde o grupo fez várias aquisições.



Paolo Rocca, presidente da Techint: "A ação da Sidor hoje vale mais do que antes do anúncio da nacionalização"



Rocca prevê crescimento menor para economia

Do Rio

O empresário Paolo Rocca, presidente do grupo Techint, envolveu-se ontem em um debate com os presidentes da Gerdau, André Gerdau Johannpeter, e da Vale do Rio Doce, Roger Agnelli, no 1º Encontro Nacional da Siderurgia, no Rio, promovido pelo IBS. Em painel que discutiu o cenário da siderurgia mundial, Rocca mostrou dados do Instituto Internacional do Ferro e do Aço (IISI, na sigla em inglês), segundo os quais a economia mundial pode crescer 4,8% ao ano até 2016. No período, o crescimento médio da demanda por aço poderia situar-se em 4,5% ao ano. Em 2008 e 2009 o consumo de produtos siderúrgicos poderia ser ainda maior, da ordem de 6% ao ano. Rocca, vice-presidente do IISI, considera as estimativas como uma "visão muito otimista". Gerdau e Agnelli discordaram e en-

tendem que a economia mundial crescerá em ritmo acelerado.

A crítica de Rocca apóia-se em dificuldades existentes hoje para aumentar a oferta de recursos naturais, como minério e carvão, além de gargalos nas áreas de energia e de recursos logísticos. Estes fatores, combinados com questões ambientais e financeiras, poderiam reduzir a taxa de crescimento da economia mundial, na sua visão. Rocca entende que o crescimento da economia mundial esbarra em limites, entre os quais a inflação crescente e a falta de matérias-primas.

Segundo o executivo, o crescimento econômico e populacional são determinantes no consumo de aço e qualquer redução do crescimento econômico teria como consequência a queda na demanda por aço. Ele avaliou, no entanto, que as empresas da região estariam em situação con-

fortável frente a uma eventual desaceleração da economia mundial: "Os países da América Latina e o Brasil, em particular, estão em posição de aproveitar a crise como oportunidade para crescer."

O empresário defendeu a "integração vertical" entre siderúrgicas, clientes e fornecedores na América Latina, desde as matérias-primas até os produtos de maior valor agregado. Seria uma forma de as empresas da região ganharem maior competitividade frente concorrentes externos, em especial a China.

André Gerdau mostrou uma visão mais otimista. "Tenho uma visão diferente de Paolo", disse. Na visão de Gerdau, a economia mundial poderá crescer 4,8% ao ano nos próximos sete ou oito anos. O crescimento seria sustentado, sobretudo, pelos Brics (Brasil, Rússia, Índia e China), além dos países do Oriente Médio e América Latina.

"São países com crescimento e demanda muito forte." Ele destacou a prioridade dada pelas siderúrgicas brasileiras ao atendimento ao mercado doméstico, que está crescendo, e concordou com Rocca que a logística é um fator de preocupação em um sistema que tem "gargalos enormes".

Wilson Brumer, presidente do conselho de administração da Usiminas, alertou para duas mudanças: as commodities mudaram de patamar de preço e não voltarão mais a níveis anteriores e o real forte é uma nova realidade com a qual as empresas precisam trabalhar.

Roger Agnelli, presidente da Vale, também acha que o mundo continuará crescendo puxado pelo Oriente Médio e pela Ásia, regiões do planeta onde há disponibilidade de capital e oferta de energia e tecnologia.

Agnelli informou ontem que

a Vale ainda não encontrou um parceiro siderúrgico para a construção de uma usina no Pará, projeto que acordou com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e o governo paranaense. Ele admitiu que o projeto poderá ir à frente mesmo sem parceiros. O presidente do BNDES, porém, Luciano Coutinho, que compareceu ao encontro do IBS, confirmou a intenção do banco de entrar como sócio da Vale na siderúrgica do Pará. "É interessante para o banco apoiar projetos que tenham um grande poder multiplicador na região menos desenvolvida do Brasil. Está dentro da estratégia do BNDES. O projeto ainda não tem desenho societário, mas deverá custar pelo menos R\$ 5 bilhões. Mas, ainda estamos em tratativas", disse. Para ele, não existe desenvolvimento sem siderurgia. (VSD e FG)